

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016, Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© 2015, Nelson DeMille
Website do autor: *www.nelsondemille.net*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *A Quiet End*
Título: *Vertigem Assassina – Um thriller de John Corey*

Autor: Nelson DeMille

Tradução: Pedro Cordeiro

Revisão: Sérgio Fernandes

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga / Marcador Editora

Imagens de capa: homem a correr © Mark Owen / Trevillion Images; fundo: © Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-251-0
Depósito legal: 410 866/16

1.ª edição: julho de 2016

PARTE I

CAPÍTULO UM

Ao fim da tarde de uma quarta-feira de setembro, o coronel Vasily Petrov, dos Serviços de Informações Externas russos, encontrava-se sentado no seu gabinete de Nova Iorque a olhar para o envelope vermelho que estava pousado na sua secretária de mogno. Na aba do envelope havia um lacre, também vermelho.

O envelope chegara de Moscovo uma hora antes, no voo da Aeroflot que trazia a mala diplomática diária à missão da Federação Russa às Nações Unidas, na rua 67 Leste.

Escrito à mão na parte da frente do envelope estava o seu número de código, 013575, e por baixo dele o número de identificação da mensagem: 82343.

Um funcionário da cifra perfilava-se, paciente, diante da secretária do coronel Petrov. Pigarreou.

— Senhor coronel?

Petrov pegou numa caneta e assinou o livro de registo, acusando a receção do envelope e ainda de uma mochila selada de Moscovo que o funcionário pousara na secretária.

O funcionário recolheu o livro de registo e deu a Petrov outro envelope selado. Cumprimentando-o, saiu.

Petrov abriu o envelope vermelho e desdobrou a folha de papel, alisando-a com o mata-borrão.

A comunicação de Moscovo estava datilografada em papel de nitrocelulose, codificada em conjuntos de quatro letras que pareciam não ter significado. Chamavam-se quadros de visão.

Petrov abriu o segundo envelope que o funcionário da cifra lhe dera e colocou o papel impresso ao lado da mensagem encriptada. No papel da cifra, vinha o código diário, utilizável uma única vez, que iria decifrar a mensagem.

Se esta mensagem tivesse sido enviada por via eletrônica, o gabinete da cifra do décimo andar tê-la-ia visto e decodificado. E esta mensagem não era para os olhos deles. Mais importante ainda, as mensagens eletrônicas eram intercetadas, por rotina, pela Agência Nacional de Segurança americana, cujas capacidades de decifração eram preocupantes. Daí que a mensagem tivesse vindo por mala diplomática, num envelope vermelho, o que significava que não era para os diplomatas; era para o Serviço de Informações Externas – o SVR –, que funcionava sediado na missão russa à ONU. A mensagem destinava-se, na verdade, exclusivamente aos olhos do coronel Petrov, e tinha uma importância crucial. E Petrov sabia que dizia uma de duas coisas: ou a operação estava de pé, ou não estava.

Pegou na caneta e começou a decifrar.

Era uma comunicação curta, mas, à semelhança de muitas mensagens breves como aquela, a brevidade era inversamente proporcional à sua importância.

Só levou uns minutos a decifrar a comunicação e, quando terminou, pôs a caneta e olhou para as palavras.

«Saudações: Iniciará a Operação Zero no domingo.»

Voltou a lê-la.

Como todos os homens, desde o início dos tempos, que aguardam ordens e o seu destino, ficou aliviado por a espera ter acabado, sentindo um misto de calma e confiança, a par de uma sensação de ansiedade. Não era da morte que tinha medo; era do fracasso e da desonra, um destino muito pior do que morrer.

Respirou fundo e pensou no pai, um antigo general do KGB que recebera a Ordem de Lenine e que fora nomeado herói da União Soviética.

No dia em que o coronel Petrov embarcara no voo da Aeroflot para Nova Iorque, o pai fora despedir-se dele ao aeroporto e dissera-lhe: «O futuro da Rússia está nas tuas mãos, Vasily. A história deste século vai ser reescrita por ti. Regressa a casa com glória. Ou não regresses».

Petrov olhou de novo para o papel. As duas linhas seguintes estavam escritas num estilo críptico, para dificultar ainda mais o entendimento das ordens que lhe eram dirigidas, para o caso improvável de a mensagem ser vista por outra pessoa.

Leu: «Felicidade estará no local e na hora combinados».

Na terceira linha: «O peixe está a nadar, o cavalo está à espera e o pássaro há de voar».

A última linha aconselhava: «Mais nenhuma comunicação para si ou de si depois de domingo. Boa sorte».

A mensagem não estava assinada nem pedia resposta. Nem sequer uma confirmação de que o destinatário estava pronto. De facto, após um ano de planeamento, nada mais havia a dizer. A hora chegara.

Petrov enfiou ambas as folhas no seu triturador de papel, levantou-se e puxou para si a grande mochila de *nylon* balístico. Quebrou o lacre e destravou a mochila com a chave que trouxera de Moscovo. Petrov abriu a mochila e viu três pistolas Makarov de 9 mm. Verificou que eram do modelo PB, criado para o KGB com silenciador integrado. Também contou dez carregadores extra de munição, que, pensou ele, deviam bastar para o número de pessoas a matar.

No fundo da mochila, havia dois objetos embrulhados em papel de embrulho azul, que sabia serem duas metralhadoras MP5, que pedira, e ainda cerca de vinte carregadores extra. E, por fim, havia uma caixa de alumínio – uma caixa de ferramentas que tinha um único propósito. Fechou a mochila e trancou-a.

Petrov foi até à janela e olhou para a rua lá em baixo. Não gostara de Nova Iorque ao chegar, quatro meses antes. Estava demasiado calor e havia demasiados africanos, asiáticos, árabes e judeus na cidade. Agora, porém, era setembro e o tempo arrefecera. Quanto aos *chernokozhii* – os pretos –, já não pareciam incomodá-lo tanto.

O que ainda o importunava, contudo, era o facto de ser seguido a cada minuto de cada dia. Os serviços de segurança americanos sabiam quem era, é claro, e davam-lhe poucas oportunidades de trabalhar fora do gabinete. Bom, podiam segui-lo o quanto quisessem. No domingo haveria de despistá-los e nem iriam saber que o tinham perdido. E então poderia fazer o seu trabalho. A Operação Zero.

Estava oficialmente colocado nas Nações Unidas durante dois anos e isso até podia tolerar. Na verdade, porém, a sua missão terminava na segunda-feira. E a cidade de Nova Iorque também.

PARTE II

CAPÍTULO DOIS

Se eu quisesse passar o dia a olhar para imbecis, tinha ido trabalhar para uma instituição. Em vez disso, protejo o meu país de imbecis.

Estava estacionado num Chevy Blazer preto na rua que vem da missão da Federação Russa às Nações Unidas, na rua 67 Leste, em Manhattan, à espera de que aparecesse um imbecil chamado Vasily Petrov, um coronel do Serviço de Informações Externas da Rússia – o SVR, em russo –, equivalente à nossa CIA, e sucessor do KGB soviético. Vasily – a quem atribuímos o afetuoso nome de código *Vaselina*, porque é escorregadio – tem o estatuto diplomático de vice-representante nas Nações Unidas para questões de direitos humanos, o que soa a anedota, porque a sua profissão verdadeira é agente do SVR a residir legalmente em Nova Iorque –, o equivalente a um chefe de delegação da CIA. Já andara de olho no coronel Petrov noutras ocasiões e, embora nunca me tenha sido apresentado, tem fama de ser um homem muito perigoso, ou seja, um imbecil.

Já agora, sou John Corey, antigo detetive de homicídios do NYPD,¹ e agora trabalho para o Governo Federal como agente contratado. A minha carreira no NYPD acabou precocemente, quando três balas me deixaram com uma incapacidade de setenta e cinco por cento (vinte e cinco por cento por bala?), para efeitos de pagamento de pensão. Na verdade, não tenho qualquer problema físico, embora tenha sentido algumas dificuldades no exame de saúde mental para este posto de trabalho.

Em todo o caso, sentava-se atrás de mim – que estava ao volante – uma jovem com quem já trabalhara, a Tess Faraday. Ela devia andar pelos trintas, com cabelo castanho-caju, alta, esbelta e atraente. No SUV, estava ainda, a

¹ Departamento de Polícia de Nova Iorque. (NT)

olhar por cima do meu ombro, a minha mulher, a Kate Mayfield. Na realidade, encontrava-se em Washington, mas eu sentia a sua presença. Se é que me faço entender.

A Tess perguntou-me:

- Dá tempo para eu ir à casa de banho, John? Ela achava graça àquilo.
- Tens algum problema de bexiga?
- Não devia ter tomado aquele café.
- Tomaste dois.
- Quem está de sentinela faz xixi no penico e atira pela janela. Respondi:
- OK, mas depressinha.

Saiu do carro e correu para um Starbucks que fazia esquina com a Terceira Avenida.

Entretanto, o Vasily Petrov podia sair da missão a qualquer altura, entrar no seu Mercedes S550, conduzido por *chauffeur*, e zarpar.

Em todo o caso, tenho mais três unidades móveis, mais quatro agentes a pé, por isso o Vasily está bem coberto, enquanto eu, chefe da equipa, me sento aqui enquanto a menina Faraday se senta na retrete.

E o que pensamos nós que o coronel Petrov anda a tramar? Não fazemos ideia. Mas ele anda a tramar *algo*. É por isso que cá está. E é por isso que eu cá estou.

O facto é que o Petrov só chegou há quatro meses, e por vezes são os recém-chegados que são enviados para o terreno com novas jogadas. Esses tipos têm de ser mais vigiados do que os agentes do SVR que já cá estão colocados há algum tempo e que tratam da espionagem de rotina. Cuidado com os novos.

A missão russa à ONU ocupa um edifício de tijolo de treze andares com uma cerca de ferro forjado, convenientemente situada do outro lado da rua da 19.^a Delegacia, cujas câmaras de vigilância estão de olho nos russos durante 24 horas por dia. Os russos não gostam de ser vigiados pelo NYPD, mas sabem que isso também os protege de manifestantes chateados e de gente que gostaria de colocar uma bomba à sua porta. Para que saibam, vivo a cinco quarteirões, para norte, na 72 Leste, por isso não teria de andar muito quando largasse o turno, às quatro. Quase sentia o sabor das *Buds*² que tenho no frigorífico.

Ali estava eu, então, à espera do Vasily Petrov e da Tess Faraday. Estava um dia bonito, de início de setembro, um daqueles dias lindos, secos e soalheiros que vêm depois dos dias de cão de agosto. Era domingo e pouco passava das dez da manhã, pelo que as ruas e os passeios de Nova Iorque estavam relativamente calmos. Fazia serviço ao domingo voluntariamente,

² Marca de cerveja. (NT)

porque a Sra. Corey (a minha mulher, não a minha mãe) tinha ido passar o fim de semana a Washington, para ir a uma conferência, e voltaria naquela noite ou na manhã seguinte. Preferia estar a trabalhar do que tentar arranjar o que fazer sozinho a um domingo.

Além disso, era 11 de setembro, dia em que costumo ir pelo menos a uma cerimónia de homenagem com a Kate, mas este ano pareceu-me mais adequado assinalar a data fazendo o que faço.

Há um alerta acrescido todos os anos, a 11 de setembro, desde 2001, mas este ano não tínhamos recebido informações específicas sobre as andanças de um Abdul qualquer. Como era domingo, não havia residentes e trabalhadores suficientes na cidade para o tal Abdul assassinar. Ainda assim, 11 de setembro é 11 de setembro, e havia muitos agentes de segurança a trabalhar, para assegurar que se tratasse apenas de mais um domingo tranquilo.

A Kate estava em D. C., pois é agente especial do FBI, na unidade antiterrorista. Estão sediados na Federal Plaza 26. A agente especial Mayfield foi recentemente promovida a agente especial supervisora, e as suas novas funções levam-na amiúde a Washington. Por vezes vai com o chefe, o agente especial encarregado Tom Walsh, que também foi meu chefe no ATTF,³ mas já não trabalho para ele nem para a ATTF. E isso é bom para nós dois. Não somos compatíveis. Todavia, o Walsh gosta da Kate e penso que o sentimento é mútuo. Não tinha a certeza de que o Walsh estivesse com a Kate nesta viagem, porque nunca pergunto e ela raramente mo diz por iniciativa própria.

Falando de coisas mais agradáveis, agora trabalho para o DSG – o Grupo de Vigilância Diplomática. O DSG também fica no n.º 26 da Federal Plaza, mas, com o meu novo trabalho, não tenho de estar muito na sede. Quase nada, mesmo.

Os meus anos na secção Médio Oriente do grupo antiterrorista foram interessantes, mas stressantes. A Kate diz que muito desse *stress* foi causado por mim. As mulheres veem coisas que escapam aos maridos. Conclusão: tive uns confrontos com a comunidade muçulmana (e com os meus chefes no FBI) que, direta ou indiretamente, levaram os meus superiores a perguntarem-me se não queria arranjar outro emprego. O Walsh sugeriu o Grupo de Vigilância Diplomática, o que servia para eu (a) sair da vista dele, (b) sair do gabinete dele, e (c) livrar-me de sarilhos.

Soava bem. A Kate também achou que sim. De resto, foi promovida depois de eu ter saído.

Coincidência?

O meu telefone Nextel, que também é um rádio bidirecional, apitou. A Tess disse:

³ Sigla inglesa para *antiterrorist task force*, a unidade antiterrorista. (NT)

– John, queres um *donut* ou uma coisa assim?

– Lavaste as mãos?

A Tess riu-se. Acha-me graça.

– O que é que queres?

– Uma bolacha com pepitas de chocolate.

– Café?

– Não. – Desliguei.

O objetivo de carreira da Tess é tornar-se agente especial do FBI. Para isso, tem de se qualificar para ser nomeada ao abrigo de um de cinco programas de entrada – Contabilidade, Informática, Línguas, Direito ou aquilo a que chamam Experiências Diversificadas. A Tess é advogada, pelo que tem qualificações. A maior parte dos advogados falhados vai para juiz ou para a política, mas a Tess diz-me que quer fazer algo marcante, seja lá o que isso for. Até lá, vai trabalhando com o Grupo de Vigilância Diplomática.

A maioria dos homens e das mulheres do DSG é gente que vai na segunda carreira, reformada após vinte anos em várias forças da ordem, pelo que temos sobretudo agentes experientes, ex-polícias, misturados com jovens advogados inexperientes, como a Tess Faraday, que veem no Grupo de Vigilância Diplomática um trampolim para obter créditos de trabalho na rua que fiquem bem na candidatura ao FBI.

A Tess regressou ao SUV e deu-me uma bolacha enorme.

– Oferta minha.

Tinha outra caneca de café. Há gente que nunca aprende.

Vestia calças de combate caqui, um polo azul e sapatos de corrida, que são necessários para quando o alvo foge a pé. As calças e o polo eram suficientemente largos para esconder uma arma, mas a Tess não tem autorização para andar armada.

A verdade é que os agentes do Grupo de Vigilância Diplomática não têm, em teoria, autorização para porte de arma. Porém, não somos tão estúpidos como as pessoas que fazem as regras, por isso quase todos os ex-polícias andam armados. Eu tinha a minha Glock de 9 mm num coldre curto, preso nas costas entre as calças e o polo largo.

Ficámos, pois, à espera do Vasily.

O coronel Petrov vive num arranha-céus em Riverdale, uma zona abastada do Bronx. Este edifício, ao qual chamamos *'plex* – diminutivo de complexo –, é detido e integralmente ocupado pelos russos que trabalham na ONU e no consulado da Rússia. É um ninho de espões. O próprio *'plex*, situado numa colina alta, tem mais antenas do que um caixote do lixo cheio de baratas.

Evidentemente, a Agência Nacional de Segurança tem instalações nas redondezas e escuta os russos, que por sua vez nos escutam, e divertimo-nos todos a tentar bloquear o sinal uns aos outros. E assim sucessivamente. A única coisa que mudou desde os tempos da Guerra Fria foram os códigos de encriptação.

A um nível menos tecnológico, o jogo no terreno continua o de sempre. Siga aquele espião. O Grupo de Vigilância Diplomática também tem um recinto secreto, ao qual chamamos *Batcaverna*, perto do complexo de apartamentos russo. A equipa do DSG que vigiava o *'plex* naquela manhã informara que o Vasily Petrov tinha saído, e tinha-o seguido até à Missão, a partir de onde a minha equipa se encarregara da vigilância.

Os russos não costumam trabalhar no gabinete ao domingo, o que me levava a pensar que o Vasily estaria de passagem para outro lugar – ou que iria voltar para o *'plex* – e que não devia tardar até que saísse para o Benz, onde o esperava o *chauffeur*.

Segundo a informação de que dispomos, o coronel Petrov é casado, mas deixou a mulher e os filhos em Moscovo. Só isto já é suspeito, porque as famílias dos membros da delegação russa à ONU adoram viver em Nova Iorque a expensas do Governo. Ou talvez haja uma explicação inocente para marido e mulher viverem separados. Se calhar ela tem um trabalho importante em Moscovo ou simplesmente odeiam-se.

A Tess informou-me:

– Tenho dois bilhetes para o jogo dos Mets logo à noite. – E continuou a informar-me: – Gostava de apanhar pelo menos a última parte.

– Podes ouvir a transmissão das duas partes na rádio.

– Vou fingir que não disseste isso. – E lembrou-me: – Supostamente saímos às quatro.

– Podes sair à hora que quiseses.

Ela não respondeu.

Uma palavrinha sobre a Tess Faraday: já vos disse que ela é alta, esbelta e atraente? Também nada e joga *paddle*, seja lá o que isso for. É bastante esperta e, a espaços, entusiástica. Creio que também é idealista e que terá sido por isso que saiu do escritório de advogados em Wall Street para concorrer ao FBI, onde pagam bem pior.

No entanto, o dinheiro não deve ser uma questão importante para a menina Faraday. Disse-me que nasceu e cresceu em Lattingtown, uma zona rica na costa norte de Long Island, também conhecida como Gold Coast. Pelo sotaque e pelos trejeitos, deduzo que seja proveniente de «boas famílias» endinheiradas. Quando pessoas dessas querem servir o país, geralmente vão para o Departamento de Estado ou para os serviços

de informações, não para o FBI. Mas reconheço mérito ao que ela faz e desejo-lhe sorte.

Não é preciso dizer que a Tess Faraday e o John Corey têm pouca coisa em comum, embora nos demos bem durante estes dias e estas horas de intimidade forçada.

Há uma coisa que temos em comum: somos ambos casados. O marido dela chama-se Grant e trabalha em qualquer coisa ligada à finança internacional, que o faz viajar muito. Não conheço o Grant e é provável que nunca o venha a conhecer, mas ele gosta de enviar mensagens escritas à mulher e telefona-lhe muito. Cheira-me, pelas respostas da Tess, que o Grant é do tipo ciumento, o que a deixa um pouco impaciente com ele. Pelo menos de acordo com aquilo me é dado a ouvir.

A Tess perguntou:

– Se o Petrov sair de carro, vamos atrás dele ou passamos para outra equipa?

– Quem sabe?

– Como assim?

– Estou a dizer que quem sabe sabe. – Só um de nós achou graça.

Para responder à pergunta da Tess, se o Vasily seguisse de carro, o mais provável seria a minha equipa ir atrás dele. Ele não podia deslocar-se para fora de um raio de quarenta quilómetros de Columbus Circle sem autorização do Departamento de Estado e, segundo as minhas informações, não pediria licença de viagem para o fim de semana. Era raro os russos fazerem isso e, quando pediam licença, era sempre à sexta-feira à tarde, para que ninguém no Departamento de Estado tivesse tempo para aprovar ou rejeitar os seus planos de viagem. E lá iam, de carro, comboio ou autocarro, saindo do raio autorizado. Habitualmente, as mulheres vão só às compras num *outlet* qualquer de Nova Jérсия, e os homens fazem asneiras em Atlantic City. Por vezes, contudo, o SVR ou os tipos da secreta militar – o GRU – encontram-se com pessoas ou vão observar coisas que não deviam, como reatores nucleares. É por isso que os seguimos, embora quase nunca os intercetemos. O FBI, do qual o DSG faz parte, é famoso – às vezes, tristemente – por vigiar pessoas e recolher provas durante anos. Os polícias atuam consoante as provas. O FBI espera até o suspeito morrer de velho.

Disse à Tess:

– Avisa-me se não puderes ficar depois das quatro. Peço um substituto.

Respondeu:

– Sou toda tua.

– Maravilha.

– Mas, se sairmos às quatro, tenho um bilhete a mais.

Ponderei a minha resposta e disse, de forma talvez insensata:

– Calculo que o senhor Faraday esteja fora.

– Está.

– Porque é que o Grant ainda não deu sinais de vida hoje?

– Disse-lhe que estava a fazer uma vigilância discreta e calma.

– Andas a aprender umas coisas.

– Não preciso de aprender o que já sei.

– Isso. – Fuga e evasão. Talvez o Grant tivesse motivos para ter ciúmes.

Que vos parece?

Quanto ao caráter da vigilância que fazíamos ao coronel Vasily Petrov, na verdade não era discreta, mas sim do tipo «a cheirar o rabo»; isto é, íamos andar atrás do Vasily o dia inteiro. Eles davam sempre pela vigilância a cheirar-lhes o rabo e, às vezes, dirigiam um olhar duro aos agentes do DSG – ou, se fossem parvalhões, esticavam o dedo.

O Vasily era particularmente antipático, provavelmente por ser um agente secreto, figurão lá na Mãe-Rússia, que achava humilhante ser ele o alvo da vigilância. Bom, que fosse para o caralho. Toda a gente tem o seu trabalho a cumprir.

Às vezes o Vasily joga com a equipa de vigilância. Até já nos despistou duas vezes nos últimos quatro meses. A mim nunca fugiu, mas outras equipas do DSG já o perderam. E é uma grande gaita perder um SVR residente. E isso não iria acontecer no meu turno. Eu não perco ninguém. Bom, uma vez perdi a minha mulher no Bloomingdale. Não consigo perceber a lógica dos hábitos de compra das mulheres. Elas não pensam como nós.

– E então, queres ir ao jogo?

A senhora Faraday já começara o jogo. Mas tudo bem; dois colegas irem a um jogo de basebol é uma coisa bastante inocente. Mesmo se forem casados e os respetivos cônjuges estejam fora. Certo? Disse:

– Aceito a oferta.

– OK. – E perguntou-me: – Vais comer a bolacha?

Parti-a ao meio e dei-lhe o bocado maior.

A vigilância pode ser um tédio e, por isso, há quem tente torná-la menos entediante. Dois gajos juntos falam de mulheres, e duas mulheres juntas falam, provavelmente, de gajos. Quanto a um homem e uma mulher juntos, das duas, uma: ou não têm nada para falar ou as longas horas levam a que algo aconteça.

Nos últimos seis meses, a Tess Faraday foi colocada comigo para aí doze vezes, o que, tendo em conta que há cento e cinquenta agentes do DSG em Nova Iorque, desafia a estatística. Como chefe da equipa, poderia colocá-la noutro veículo ou na vigilância a pé. Mas não o fiz. Porquê? Porque acho que

ela tem pedido para trabalhar comigo e, sendo eu um homem muito sensível, não quero ferir os sentimentos dela. E porque é que ela há de querer trabalhar comigo? Porque quer aprender com um mestre. Ou então passa-se outra coisa qualquer.

E, já agora, nunca falei à Kate da Tess Faraday. A Kate não é do tipo ciumento e não há qualquer motivo para ciúmes. Além disso, e tal como a Kate, guardo para mim os meus problemas e contactos de trabalho. A Kate não fala do Tom Walsh e eu não falo da Tess Faraday. A ignorância conjugal é uma bênção. Bem-aventurados os pobres de espírito.

Entretanto, o Vasily já está na Missão há mais de uma hora, mas o seu Mercedes ainda se encontra cá fora, o que quer dizer que vai a qualquer lado. Provavelmente, voltará ao Bronx. Às vezes, ele corre no Central Park, o que é uma grande chatice. Toda a equipa usa sapatos de corrida, é claro, e penso que estamos todos em boas condições físicas, mas o Vasily está em excelente forma. Agentes do FBI mais velhos contaram-me que os tipos do KGB soviético eram, na maioria, gordalhões que fumavam e bebiam de mais. Já os tipos da nova Rússia só frequentam bares se forem macrobióticos, e preferem o ginásio. O seu líder, o Putin de tronco nu, estabeleceu como que uma nova bitola.

O Vasily, sendo aquilo que é, também tem uma namorada cá no burgo. É uma russa chamada Svetlana, que canta nalgumas das discotecas russas de Brighton Beach. Vi-a de relance um dia e parece ter bons pulmões.

Contactei os elementos da minha equipa via rádio e estavam todos despertos.

Uma brisa suave fazia esvoaçar a bandeira russa, branca, azul e encarnada, diante da Missão. Lembro-me de ali estar hasteada a outra, com a foice e o martelo da União Soviética. De certa forma, tenho saudades da Guerra Fria. Mas acho que esta voltou.

A minha equipa é composta, hoje, por quatro agentes a pé e quatro viaturas – o meu Chevy Blazer, um Ford Explorer e duas carrinhas Dodge. Costumamos ter um agente em cada veículo, mas desta vez tínhamos dois. Porquê? Porque os russos são truculentos e, por vezes, viajam em grupos e espalham-se como baratas. Daí que nos últimos tempos tenhamos reforçado as equipas de vigilância. Hoje, contava com dois agentes do DSG nos outros três carros, todos ex-NYPD. Eu tinha o único estagiário, um ambicioso do FBI que provavelmente acha que trabalhar no DSG é uma seca. Às vezes, acho o mesmo.

No jargão do FBI, o Grupo de Vigilância Diplomática é aquilo a que se chama um beco calmo, o que, na verdade, significa que é um beco sem saída.

Mas eu não me importo. Nada de gabinete, nada de adultos a supervisionar e nada de merdas. É só seguir o imbecil.

Um beco calmo. Mas isso é coisa que não existe nesta profissão.